

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº109 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLDOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
SILVIO A. S. GAMBOA - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

109



**PROJETO PEDAGÓGICO: A BUSCA DA
TOTALIDADE DO CONHECIMENTO ESCOLAR**

AVACIR GOMES DOS SANTOS



Avacir Gomes dos Santos

PROJETO PEDAGÓGICO: A BUSCA DA TOTALIDADE DO CONHECIMENTO ESCOLAR

Departamento de Educação – UFRO, aluna do curso de mestrado em Ciências Humanas

ava@unir.br

O conhecimento escolar, como ramo de aplicabilidade do conhecimento científico, foi organizado desde a metade do século XX, através das chamadas disciplinas ou áreas de estudo que, por sua vez, recebiam no currículo um tratamento fragmentado entre os conteúdos da própria disciplina e entre disciplinas afins.

Essa forma de organização do currículo fixado em suas respectivas áreas científicas correspondeu a certos interesses de um determinado momento histórico em que o propósito maior da escola era formar mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho. Para atender a essa demanda social se proliferou por todo país os cursos técnicos no 2ª Grau.

Hoje com a globalização, a formação dos diversos blocos econômicos, o avanço tecnológico, que diluiu qualquer forma de barreira espacial e temporal, a competição no mercado de trabalho tornou-se muito mais acirrada. Assim, aquele funcionário «sabe tudo» da sua área e que respondia a todos os expedientes da sua pasta está ultrapassado. Como a máquina de escrever, ele se tornou um elemento obsoleto.

Na atual conjuntura, as empresas esperam que os seus profissionais tenham: espírito de liderança, tomada de iniciativa, capacidade de resolver problemas, domínio dos últimos avanços tecnológicos e visão geral da estrutura organizacional da instituição.

Como a escola poderá preparar a geração de alunos freqüentadores do Ensino Fundamental para um novo século com a mentalidade do século passado? Como organizar a escola e estruturar o seu currículo para que ela possa acompanhar as transformações que ocorre na sociedade de forma acelerada? Que tipo de tratamento deve receber o conhecimento escolar?

Essas questões estão presentes nas agendas dos encontros realizados na área educacional, organizados no sentido de pensar soluções que atendam as demandas sociais. É difícil apontar um caminho a ser seguido, no entanto, é unânime a compreensão de que a organização disciplinar do conhecimento e a seriação do ensino (desde a alfabetização até a universidade) estão superadas históricas e socialmente.

O Projeto Pedagógico como prática educativa

As diversas disciplinas escolares, que tem como lógica o desenvolvimento do ensino que parte do simples para o mais complexo, do concreto para o abstrato e do geral para o particular, estão com seus dias contados. Para romper com essas estruturas aparecem no cenário educacional os conceitos de totalidade, visão holística, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, sócio-interacionismo e projetos pedagógicos.

A realização dos projetos tem sido o fio condutor da compreensão dos novos conceitos educacionais. O propósito deste artigo é apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos ligados à caracterização e a aplicabilidade dos projetos pedagógicos para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Esse é um dos aspectos que tem marcado o desenvolvimento dos projetos pedagógicos (que de agora em diante passo a designar de PP), ele tem sua gênese enquanto prática escolar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. A universidade em geral tem virado as costas para essas modalidades de ensino. Logo ela que deveria ser a vanguarda do ensino brasileiro, acaba por ficar a reboque das experiências significativas que ocorrem no espaço escolar. Quem sabe num futuro não muito distante a universidade organize seus cursos e seus respectivos currículos através de PP.

A educação por PP não aparece como forma de ruptura das disciplinas escolares, elas continuam como base do conhecimento escolar. A proposta educativa através de projeto é uma forma diferente e inovadora de abordar os conteúdos curriculares, que passam a ser concebidos de maneira integral, articulada e dinâmica. Desta forma ocorre a conquista de níveis mais elevados de motivação, participação e co-produção vivenciada entre os educandos, seus pares e o educador.

Os pressupostos teóricos metodológicos da organização curricular através do PP, apesar de terem ganho força nos últimos anos, já vêm sendo proclamados há muito tempo. De acordo com Antonio Costa:

«Suas raízes mais profundas no tempo estão em Rousseau e Pestalozzi, Decroly, com seus centros de interesses. Maria Montessori, John Dewey, Celestin Freinet, Anton Makarenko e no Brasil, Anísio Teixeira contam entre os grandes pioneiros desta vertente do pensamento pedagógico.»¹

Em geral esses pensadores da educação buscaram a valorização das necessidades e interesses dos educandos como norteadores do processo educativo. O fim primeiro e último da educação escolar é o educando. Assim, pressupõe-se que a prática pedagógica é pensada, planejada e executada com vistas à formação integral do educando.

Na concepção tradicional de educação os conteúdos, por exemplo, da disciplina de Matemática, eram visto de forma fragmentada. O currículo escolar e os livros didáticos seguiam uma seqüência lógica racional que não permitia que o ensino da geometria fosse alcançado, porque o professor passava dois bimestres para ensinar os vários tipos de conjuntos: unitário, vazio, infinito (pensando bem, há um paradoxo entre esses conceitos e a idéia de conjunto).

Além da desarticulação dos conteúdos da própria disciplina, não havia, por exemplo, nenhuma integração entre a Matemática e o ensino da História. Assim, o docente era o especialista da sua área e se o aluno escrevesse ou falasse algo errado (de acordo como os padrões estabelecidos), na aula de Matemática, o professor não considerava porque não era da sua área. Cada professor com a sua disciplina, seu currículo e seu livro didático, os demais conhecimentos escolares que fugiam desse esquema eram ignorados em detrimento das demais disciplinas.

Na organização do ensino através de PP as disciplinas dão espaços para uma temática que valha a pena ser estudada, situações problemas, geral ou particular, ou acontecimentos sociais vivenciados pelos educandos. Duas temáticas que atravessam qualquer realidade escolar na atualidade são a questão da sexualidade e o uso de drogas. A organização curricular por disciplinas não dá conta dessas questões. Aliás, elas eram ignoradas pelos currículos escolares.

¹ Costa, Educação por projetos, 20; 2001

Para a melhor visualização dos elementos da educação tradicional e da educação por PP e, em que momento esta avança nos seus pressupostos e acaba por romper com aquela, segue o esquema abaixo como forma de analisar essas duas concepções pedagógicas:

ELEMENTOS	EDUCAÇÃO TRADICIONAL	EDUCAÇÃO POR PROJETOS
Modelo de aprendizagem	Mecânica e padronizada	Significativa
Conhecimento trabalhado	Conhecimento científico transformado em escolar pelas várias disciplinas	Temas ou situações problemas
Decisão sobre o que estudar	Responsabilidade única do professor	Por argumentação entre o aluno e seus pares
Função do professor	Especialista, dono do saber	Estudante, intérprete, construtor do saber
Modelo curricular	Disciplinas estanques e fechadas	Interdisciplinaridade
Papel do aluno	Executor passivo	Co-partícipe do processo educativo
Tratamento da informação	Apresentada pelo professor com base no livro didático	Busca-se com professor e alunos através das mais variadas fontes
Técnicas de trabalho	Questionário, cópia, exercícios de fixação e decoreação	Índice, síntese, conferências, seminários, exposição, produção de textos.
Avaliação	Centrada nos conteúdos específicos de cada disciplina	Centrada no processo e nas relações destinadas as informações coletadas.

Nesse esquema é possível perceber que a organização das atividades pedagógicas através do PP resulta num processo muito mais significativo tanto para os educandos quanto para os educadores, porque ambos tornam-se sujeitos da sua prática quando são capazes de em conjunto pensar, planejar, executar e avaliar todas as etapas do processo de ensino e aprendizagem.

Na elaboração do PP um dos primeiros momentos é a seleção das disciplinas e dos conteúdos que poderão contribuir para melhor compreensão das temáticas levantadas. Assim, a temática sobre drogas pode ser estudada principalmente através da História, da Ciência, da Literatura, da Geografia, da ética e cidadania. Segundo Hernández:

«A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente de diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.»²

² Hernández, A organização do currículo por projetos de trabalho, 60; 1998.

Com base nesses eixos condutores o PP pode ser definido como um plano de trabalho integrado, estruturado a partir de interesses e necessidades compartilhados por educandos, de forma organizada e intencional, visando satisfazer necessidades e resolver problemas reais. As temáticas seguem o critério da relevância social e pode ser direcionada pelo professor quando seus alunos ainda não apresentam autonomia para escolher, por si só, o que gostariam de estudar. Ou, escolhida entre os próprios alunos quando eles apresentarem maturidade para tanto.

Na organização do ensino através do PP, não é apenas a concepção de currículo que ganha um novo enfoque, mas também o conceito de aluno e de professor. Na pedagogia de PP o professor passa a ser compreendido como um líder, um co-produtor de conhecimentos, o educador é um produtor do conhecimento escolar. Sua função não é a de transmitir pura e simplesmente os conteúdos de uma determinada disciplina, sua postura pedagógica é a de criar condições e situações de aprendizagem para que o aluno possa conquistar o conhecimento com autonomia própria.

Nesse contexto educativo o aluno não é um receptor passivo frente ao conhecimento do professor. Seria uma contradição no PP a postura passiva do aluno. Nesta abordagem o educando é o responsável direto pela sua aprendizagem e sujeito de sua própria aprendizagem. Ele está presente em todos os momentos do desenvolvimento do PP: seleção do tema do projeto, busca de informações, tratamento das informações coletadas, planejamento e execução das atividades inerentes ao projeto, elaboração da síntese dos estudos realizados e avaliação do processo.

A concepção de professor e aluno concebidos como educador e educando não é algo inédito em termos de discurso teórico no espaço escolar. No entanto, apenas a mudança da denominação desses sujeitos não foi garantia de mudanças na estrutura educacional, pois o currículo era mantido numa camisa de força e a escola fechada para a participação da comunidade e da sociedade.

No PP a função do professor ganha uma importância redobrada, pois dizer que o aluno é co-partícipe não é abrir mão de suas responsabilidades enquanto condutor do processo, pelo contrário, além de planejar e executar as atividades pedagógicas o professor tem a responsabilidade de: relacionar o tema ou a situação problema escolhida pelos alunos com o conhecimento escolar, planejar atividades mais significativas capazes de proporcionar aos alunos a produção do conhecimento sobre o tema do projeto e pensar na forma mais adequada de realizar a avaliação processual e final do PP.

No momento referente à busca de relações entre os conhecimentos escolares e a temática escolhida para a execução do PP entra em cena a competência do educador para colocar em prática um dos pressupostos básicos do PP que é a interdisciplinaridade.

De acordo com Ivani Fazenda, uma das maiores estudiosas no Brasil sobre o tema interdisciplinaridade, esta compreende três momentos imprescindíveis:

«O primeiro momento é o trabalho da identidade do aluno. (...) o trabalho de cada área é fundamental numa convergência, que busque a educação plena do aluno. É a tentativa de superação da fragmentação do saber, num projeto de ensino voltado para o saber integral.

O segundo momento da interdisciplinaridade está no que chamo de história do agora, que é a visão holística da realidade (...).

A pergunta seria: como a sua área contribuiu para o momento vivido pelo Brasil agora?

O terceiro momento da interdisciplinaridade é o que diz respeito a utopia. Não se trataria de «sonhar com o futuro», mas de ter consciência das transformações que acontecem permanentemente.»³

O planejamento de maneira interdisciplinar requer a compreensão do educando como indivíduo único, mas que ao mesmo tempo constitui e é constituído como sujeito da história, que segue a lógica da dinâmica permanente. Assim, pensar a prática pedagógica de forma interdisciplinar vai muito mais do que relacionar as disciplinas escolares de forma unívoca.

Quanto aos pressupostos metodológicos do PP apresentarei os aspectos básicos que, de acordo com Fernando Hernández, devem ser levados em conta no desenvolvimento de um projeto pedagógico:

1) *A escolha do tema:* como foi apontada anteriormente a escolha do tema poderá ser realizada pelo professor, pelos alunos ou conjuntamente entre alunos e professor, o critério a ser seguido irá depender do grau de maturidade dos educandos.

O tema pode surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior.

2) *A busca da interdisciplinaridade:* neste momento é de suma importância a competência pedagógica do professor em relacionar com base no currículo escolar quais as disciplinas, os conteúdos e as atividades que irão contribuir para uma maior compreensão dos alunos a respeito do tema selecionado.

O professor também planeja os recursos que serão empregados na realização do PP, o tempo necessário para sua execução e o que será apresentado como resultado final do projeto, ou seja, a sua avaliação.

3) *Elaboração do índice:* nesta etapa, inicialmente cada aluno elabora um índice no qual especifica os aspectos que vai trabalhar no projeto. Em seguida é realizada a apresentação em comum dos diferentes aspectos de cada índice.

Entre os alunos são organizados grupos de estudos, que serão responsáveis pelo tratamento especial dos diferentes aspectos do tema escolhido.

A organização do índice implica em três momentos: primeiro cada aluno elabora seu índice, em seguida esse é ampliado na formação dos grupos onde os alunos socializam entre si os conhecimentos prévios a respeito do tema e, por fim, na conclusão dos trabalhos os alunos organizam o índice final para visualizar o ponto de partida e de chegada na construção do conhecimento.

4) *A busca de informações:* nesta fase todos os elementos do processo são envolvidos no projeto: professor, alunos e suas famílias. As informações coletadas devem completar e ampliar a visão do grupo sobre o tema selecionado. Quanto mais variadas forem as fontes de informações, melhor. As fontes podem constituir em material escrito, depoimentos, conferência de convidados, visita de campo, estudo do meio, reconhecimento do patrimônio histórico cultural e análise de objetos e artefatos antigos.

³ Fazenda, Práticas interdisciplinares na escola, 52-54; 1999.

5) *Realização da síntese*: ao final do tempo designado para a realização do PP ocorre a ordenação e apresentação dos materiais organizados e elaborados pelos educandos. Esses resultados poderão ser apresentados na turma, em turmas diferentes ou numa exposição na escola onde as famílias e a comunidade em geral possam ter acesso.

A realização da síntese implica necessariamente por parte dos educadores na discussão sobre a avaliação do PP. Aqui a avaliação também ganha outra relevância. Que a avaliação deve ser processual, contínua e formativa, os aspectos qualitativos preponderando sobre os quantitativos são discursos que há tempos são propagados no espaço escolar. No entanto, ao final do processo o que tem valido como critério de aprovação ou retenção dos alunos tem sido a média das notas recebidas durante os quatro bimestres. A nota, isso em todas as modalidades de ensino, tem tido maior importância do que o resultado final do ensino que é aprendizagem do aluno.

No PP, além de se considerar a avaliação como processo formativo, existem outras questões norteadoras a serem pensadas pelo professor, tais como: o que se pretendeu ensinar aos educandos? O que os alunos acreditam que aprenderam? Essas questões antecedem a elaboração do instrumental avaliativo.

Após a definição do tipo de avaliação a ser aplicada cabe ao professor: realizar o planejamento da prova em relação ao que se pretendeu ensinar, esclarecer o que pretende valorizar, explicitar aos alunos os critérios de correção, propor a auto-avaliação, fazer a correção, detectar o sentido os erros da aprendizagem realizada e por fim situar cada estudante quanto ao seu desempenho acadêmico com relação a si mesmo e ao grupo.

Esses são os aspectos básicos para a realização de um PP. Eles não representam um modelo a ser copiado. Cada projeto possui características peculiares. O tratamento dispensado às etapas irá depender da série dos alunos, do acesso às informações, dos materiais disponibilizados, do envolvimento dos responsáveis pelos educandos e principalmente do comprometimento da escola com essa proposta pedagógica.

É bom ressaltar que a aplicabilidade do PP não combina com práticas individualistas. Um professor sozinho pode querer desenvolver o ensino voltado para essa metodologia, mas se essa não for a opção da escola como um todo, mais cedo ou mais tarde ele acabará desistindo frente as dificuldades impostas pelo sistema e as estruturas arcaicas do espaço escolar.

A prática do PP é sempre uma prática coletiva, requer um trabalho coletivo, onde professores, profissionais da escola, desde vigia até o diretor e a comunidade estejam todos envolvidos e comprometidos com a aprendizagem dos educandos.

De acordo com Perrenoud:

«a gênese de um projeto é uma questão de representações partilhadas daquilo que os atores querem fazer juntos. Se não fizerem esse trabalho no início, deverão fazê-lo a seguir, na primeira divergência grave, na primeira crise. Se uma equipe não é capaz de dizer, explicitamente, o que a mantém unida, ela se

*desfaz ou regride a um simulacro diante dos primeiros obstáculos. Ora, articular representações é não abrir um espaço de livre discussão no projeto e antes do projeto, escutar as propostas, mas também decodificar os desejos menos confessos de seus parceiros, explicitar os próprios e buscar acordos inteligentes».*⁴

O trabalho coletivo é *condição sine qua non* para a eficácia do PP. A escola representada pela direção e equipe pedagógica tem a função de proporcionar as condições objetivas necessárias para a realização das tarefas subjacentes ao projeto. O grupo de educadores, por sua vez, coloca em prática a competência para planejar e desenvolver as atividades de forma conjunta e integrada.

Conclusão

A título de conclusão, o PP não se restringe apenas numa maneira diferente de organização do currículo escolar. Sua adoção exige muito mais trabalho, compromisso e responsabilidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O PP representa uma possibilidade de rompimento com ensino do conhecimento escolar fragmentado e com a representação eterna do: *eu finjo que ensino e, você finge que aprende*.

Quando em nossas escolas a preocupação maior for não tanto com o que os alunos memorizaram, mas com o quanto de conhecimento são capazes de aplicar em situações reais do cotidiano com certeza o fazer educativo terá conquistado a sua significação social de uma vez por todas. O PP tem muito a contribuir como a realização deste sonho.

Bibliografia

FAZENDA, Ivani (org). Práticas interdisciplinares na escola. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 1999.

FONSECA, Lúcia Lima. O universo da sala de aula: uma experiência em pedagogia de projetos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho – O conhecimento é um caleidoscópio. 5ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar: convite à viagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ZEN, Maria Izabel Dalla (org). Projetos Pedagógicos: cenas da sala de aula, Porto Alegre: Mediação, 1999.

⁴ Perronoud, Dez novas competências para ensinar, 84; 2000

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*procura-se uma voz que diga nada
aquele espelho vazio perdido na treva
eclipsada voz que a si não se ouviu*

*aquí o tempo tem alma e a fé
está por um cío de lâmina ao vento
movimentada no ar ácido e frio*

CARLOS MOREIRA